

REINAÇÕES DE
MONTEIRO
LOBATO:
UMA BIOGRAFIA

Marisa Lajolo & Lilia Moritz Schwarcz

REINAÇÕES DE
MONTEIRO
LOBATO:
UMA BIOGRAFIA



Copyright do texto © 2019 by Lília Moritz Schwarcz e Marisa Lajolo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Consultoria
VLADIMIR SACCHETTA

Pesquisa iconográfica
PORVIROSCÓPIO PROJETOS E CONTEÚDOS. PESQUISADOR VLADIMIR SACCHETTA

Fotos de capa
ACERVO FAMÍLIA MONTEIRO LOBATO

Capa e projeto gráfico
JULIANA VIDIGAL

Crédito da reprodução da ilustração na guarda
©J. U. CAMPOS – TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Preparação
PAULA MARCONI DE LIMA

Revisão
ISABEL CURY
THAÍS TOTINO RICHTER

Tratamento de imagem
AMÉRICO FREIRIA

Ilustrações
LOLE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Schwarcz, Lília Moritz
Reinações de Monteiro Lobato: uma biografia / Lília
Moritz Schwarcz, Marisa Lajolo ; ilustrações Lole. —
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2019.

ISBN 978-85-7406-857-2

1. Escritores – Brasil – Biografia – Literatura
infantojuvenil 2. Lobato, Monteiro 1882-1948 – Literatura
infantojuvenil I. Lajolo, Marisa. II. Lole. III. Título.

18-23196

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:


1. Brasil: Escritores: Biografia: Literatura infantil 028.5
2. Brasil: Escritores: Biografia: Literatura infantojuvenil 028.5

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014


2019


Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.


Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

 (11) 3707-3500

 www.companhiadasletrinhas.com.br

 www.blogdalettrinhas.com.br

 /companhiadasletrinhas

 @companhiadasletrinhas



Este
Lobato é um
danado!



Agora inventou de contar a história dele. Ele mesmo contando a história dele. Pode?

Pode...

Uma hora ele é menino, outra já é adulto, depois volta a ser menino... E não é que ficou legal? Ficou tão legal que até tenho vontade de dizer que eu é que soprei no ouvido dele esse jeito de contar sua história. Contar como se estivesse falando com quem está lendo...

Mas não...

Ninguém soprou nada pra ele, nem ele chamou Ninguém pra ajudar, como eu fiz com o Visconde quando escrevi minhas memórias...

Ele é mesmo um danado!

Sei que você me conhece como Monteiro Lobato. Mas em casa todos me chamam mesmo é de Juca...

Tudo bem. Nomes são coisas que a gente não escolhe, você sabe. A gente quase que nasce com eles. Vou dar um exemplo pessoal: meus pais escolheram para mim o nome José Renato — José Renato Monteiro Lobato. Mas depois eu troquei o Renato por Bento: ficou José Bento Monteiro Lobato. E sabe por que eu quis mudar de nome? Porque meu pai, que se chamava José Bento, tinha uma bengala com as iniciais JB gravadas. E eu queria muito que no futuro ela fosse minha. Mas as iniciais JB não combinavam com José Renato e a bengala nunca ia parecer que era minha.

Então mudei de nome...



Acima e à esquerda: Monteiro Lobato aos seis meses de idade com seus pais. À direita: Lobato aos dois anos de idade. Abaixo e à esquerda: estudantes da Faculdade de Direito do Largo São Francisco e suas bengalas, início do século XX.



Acima, foto de Taubaté tirada por Lobato. Abaixo, bairro de Estiva, Taubaté, final do século XIX.

Agora chega de ficar falando de nomes. Para você, fico sendo mesmo Monteiro Lobato.

E, resolvida essa questão, começo minha história.

Nasci faz um tempo: em 1898¹. Tive duas irmãs mais novas: a Judith e a Esther. A Esther todo mundo chamava de Teca. Naquele tempo, a gente nascia em casa. Eu, por exemplo, nasci na casa de meu avô, em TAUBATÉ².

E minha mãe logo informou a mãe dela do nascimento do neto, que ela chamou de "rapagão": o rapagão era eu! Eu mesmo, o futuro Juca, Monteiro Lobato para você!

(1) Na época em que Monteiro Lobato nasceu, o Brasil era governado por D. Pedro II e ainda havia escravos no nosso país. Por sinal, foram os últimos a abolir a escravidão, foras de trabalho forçada que permitia que uma pessoa seja proprietária de outra. O Brasil recebeu 474 dos 120 milhões de africanos e africanas que tiveram que deixar seu continente. E por falar nisso: você sabia que hoje somos o segundo país com a maior população negra do mundo, só perdendo para a Nigéria!

(2) Taubaté, a cidade de Lobato, fica no estado de São Paulo, na região de Vale do Paraíba. Foi um dos núcleos de onde partiram várias grupos de bandeirantes durante o período colonial, as expedições que buscavam riquezas minerais, assim como escravos indígenas e africanos. Nesse caso, aqueles que tinham escassez de trabalho nas grandes plantações se encaminhavam para a selva. Já no século XIX, a cidade se tornaria um importante centro cafeeiro.



ei que você me conhece como Monteiro Lobato. Mas em casa todos me chamam mesmo é de Juca...

Tudo bem. Nomes são coisas que a gente não escolhe, você sabe. A gente quase que nasce com eles. Vou dar um exemplo pessoal: meus pais escolheram para mim o nome José Renato — *José Renato Monteiro Lobato*. Mas depois eu troquei o *Renato* por *Bento*: ficou *José Bento Monteiro Lobato*. E sabe por que eu quis mudar de nome? Porque meu pai, que se chamava *José Bento*, tinha uma bengala com as iniciais JB gravadas. E eu queria muito que no futuro ela fosse minha. Mas as iniciais JB não combinavam com **José Renato** e a bengala nunca ia parecer que era minha.

Então mudei de nome...



Acima e à esq., Monteiro Lobato aos seis meses de idade com seus pais.
À dir., Lobato aos dois anos de idade.
Abaixo e à esq., estudantes da Faculdade de Direito do Largo São Francisco e suas bengalas, início do séc. XX.



Acima, foto de Taubaté tirada por Lobato.
Abaixo, bairro de Estiva, Taubaté, final do séc. XIX.



gora chega de ficar falando de nomes. Para você, fico sendo mesmo *Monteiro Lobato*.

E, resolvida essa questão, começo minha história.

Nasci faz um tempão: em **1882**.⁽¹⁾ Tive duas irmãs mais novas: a Judith e a Esther. A Esther todo mundo chamava de Teca. Naquele tempo, a gente nascia em casa. Eu, por exemplo, nasci na casa de meu avô, em **TAUBATÉ**.⁽²⁾

E minha mãe logo informou a mãe dela do nascimento do neto, que ela chamou de “rapagão”: o rapagão era eu! EU! Eu mesmo, o futuro Juca, Monteiro Lobato para você!

(1) Na época em que Monteiro Lobato nasceu, o Brasil era governado por d. Pedro II e ainda havia escravos no nosso país. Por sinal, fomos os últimos a abolir a escravidão, forma de trabalho forçada que permite que uma pessoa seja proprietária de outra. O Brasil recebeu 47% dos 120 milhões de africanos e africanas que tiveram que deixar seu continente. E por falar nisso: você sabia que hoje somos o segundo país com a maior população negra do mundo, só perdendo para a Nigéria?!

(2) Taubaté, a cidade do Lobato, fica no estado de São Paulo, na região do Vale do Paraíba. Foi um dos núcleos de onde partiram vários grupos de bandeirantes durante o período colonial, em expedições que buscavam riquezas minerais, assim como escravos indígenas e africanos. Nesse caso, aqueles que tinham escapado dos trabalhos nas grandes plantações embrenhavam-se nas selvas. Já no século XIX, a cidade se tornaria um importante centro cafeicultor.

Mamãe 3776

Gracias a' D. já estou
desfrachada, hontem as 6
14 horas da noite, fui m.
feliz. O sapragero já

promette ser manhozo
e proza, e che man

da um

~~João Bento~~

abraço, e o

lembranças,

e um um

beijo. De

B. D. Ma-
riamãta está

sua filha
estava

com uma
menina

Olympia

Mamãe

Graças a Deus [...] ontem às onze horas da noite fui muito feliz. O rapagão já promete ser manhoso e prosa, e lhe manda um abraço, e o J. Bento lembranças, e eu, um beijo. [...]

De sua filha que lhe estima
Olympia.



Ilustração de Dona Benta feita por Jean G. Villin para a edição de 1929 do livro *O irmão de Pinóquio* e foto da Fazenda São José, Buquira.

Meu avô era **VISCONDE**⁽³⁾ — o visconde de Tremembé — e morava numa casa muito grande. Você já sabe o nome do meu pai e da minha mãe. Falta conhecer o nome da minha avó. Ela se chamava Anacleta e eu simplesmente a adorava. Aliás, pode ser que ela tenha inspirado a figura de Dona Benta, a avó maravilhosa das histórias do sítio. Tem muita gente que jura que sim. Mas eu mesmo não tenho certeza...

Meus pais eram fazendeiros e eu morei muito tempo na fazenda. Eu gostava demais da vida solta que levava por lá. Andava a cavalo, comia fruta na árvore, pescava no ribeirão e ia caçar com meu pai. Caçar de verdade, você acredita?! Sei que hoje essa atividade parece estranha e desautorizada. Só que naquela época era comum as crianças se juntarem aos pais nessas caçadas. Alguns leitores acham que o livro *Caçadas de Pedrinho* é inspirado nessas minhas idas à floresta, onde tinha bicho de verdade: onça, macaco, tatu, capivara... aliás, eu ficava com um pouco de medo, reconheço, mas fazia de conta que era valente!

Aprendi a ler com a minha mãe, em casa.

Porém, com sete anos, adeus vida na fazenda. Lá fui eu para a escola!

(3) Não sei se você sabe, mas o Brasil já teve nobres. O imperador os nomeava barões, marqueses, viscondes e duques. Em geral eles eram proprietários de terras e tinham bastante dinheiro para pagar por seus títulos. Você entendeu bem: para ser nomeado pelo soberano, era preciso pagar (e muito) pelo título!



inha escola ficava em Taubaté. Estudei primeiro no Colégio Kennedy, depois mudei muitas vezes de escola: Colégio Americano, Colégio Paulista, Colégio São João Batista.

Não pense que eu era um modelo de aluno. Era só regular. Achava as aulas muito chatas. Muuuuuuito! Às vezes, no recreio, encrocava com outros meninos e brigava com eles. Me lembro bem de uma dessas brigas. Um colega chamado José me chamou de baixinho. Ele era maior e mais forte do que eu.

Sáímos no tapa e eu ganhei a briga...

Voltando à vida escolar, depois de alguns anos, para continuar os estudos, a melhor opção era ir para São Paulo. E lá fui eu. Meio com medo, sabe como é. Mas também adorando a novidade: morar numa cidade grande! E sozinho! Para se matricular na escola de São Paulo, a gente tinha de fazer um exame. Eu achei que não ia ter problema. Pois não é que fui reprovado? E justamente em português, veja só...! Fiquei chateado e envergonhadíssimo, conforme vocês podem ver na carta que mandei para minha mãe:

São Paulo, 1895

Parece que vou morrer, principalmente vendo como a senhora, papai e seu Germano vão ficar tristes. Só de me lembrar saem lágrimas dos olhos. [...] Se alguém perguntar por mim, diga que não sabe, que morri [...]

(*Cartas escolhidas*. 1. tomo. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1969, p. 23.)



Lobato é o 1º
à esq. em pé.

Turma de Lobato no Colégio Paulista, Taubaté, 1898.

Triste, não é? Muito triste... mas não teve jeito. Voltei para Taubaté.
 Só que voltei diferente. O seu Germano, que tinha sido meu professor e de quem eu gostava muito, conversou bastante comigo.
 Fiz as pazes com o estudo.

Fui então estudar num colégio em Taubaté que tinha um jornalzinho chamado *O Guarani*. E resolvi participar dele. Acho que não me conformava de ter sido reprovado justamente em português e queria mostrar a mim mesmo que sabia escrever e que tinha sido reprovado injustamente. Escrevi um texto a que dei o título “Rabiscando” e inventei um pseudônimo juntando as primeiras letras de *José* e de *Bento*: *Josben*.

Se o pseudônimo ficou bom, eu não sei. O que sei é que os colegas gostaram do meu artigo e isso me consolou da reprovação. Consolou só um pouco. Um pouco só. Mas ainda bem!

No final daquele ano, voltei a prestar o exame e dessa vez fui aprovado.

Eu ia estudar em São Paulo. E agora... era pra valer. Ia ter de deixar Taubaté, meus pais e minhas irmãs, minha avó, a fazenda, a casa de meu avô... De novo fiquei com um pouco de medo, mas de novo encarei. Criei coragem e deixei tudo pra trás.

Em 1899, fui morar sozinho e estudar em São Paulo.
 Sozinho!



Lobato aos
11 anos de idade.

O GUARANY

ORGÃO DOS ALUNOS DO COLLEGIO PAULISTA

PUBLICA-SE SEMANALMENTE

ASSINATURAS			REDACÇÃO	
Anno I	Trimestre 1º	35000 15000	Taubaté, 11 de Abril de 1897	COLLEGIO PAULISTA Taubaté
RAMOS			Factos da historia patria	Num. 8
Commemoramos hoje a igreja catolica um dos dias mais solem-			- UMA HEROINA -	
nizes			Era pelo tempo em que a patria	
estorcia-se em convulsões medo-				

Desenho de Lobato
do Viaduto do Chá,
São Paulo.



CARTÃO POSTAL



Acima e à dir., bonde na
rua São Bento, São Paulo,
1902. Logo abaixo, bonde
no Viaduto do Chá, São
Paulo, início do séc. XX.
À esq., Largo do Rosário,
São Paulo, 1902.